



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Mediação e Emoção. A Arte na Aprendizagem¹

Luiz Claudio Abreu
Cefet-Campos

Resumo:

As novas tecnologias da comunicação e informação possibilitam distintas maneiras de codificar a informação. Diante desta mais recente alquimia tecnológica surgem diferentes construções textuais com uma sintaxe ainda não familiarizada em nosso contexto educacional. Ao direcionarmos nosso olhar para a linguagem audiovisual, agora potencializada pela tecnologia digital, não é difícil de constatar a enorme capacidade de envolvimento emocional proporcionada por esta linguagem. A questão, para a qual pretendemos focar nossa atenção, é a inserção do audiovisual no espaço da sala de aula. Acreditamos que a interface entre Comunicação e Educação apresenta-se como condição essencial para promover uma nova mediação pedagógica, que requer um redimensionamento da ação dos sujeitos da aprendizagem na atualidade.

Palavras-chave: Comunicação, Educação e mediação.

A emergência das mudanças sociais, econômicas, tecnológicas e culturais, que experimentamos desde a última parte do século XX, que permitiram a constituição da chamada *sociedade da informação*, nos convidam a uma série de reflexões sobre as novas potencialidades humanas em um contexto de metamorfoses constantes. O desenvolvimento de distintas maneiras de codificação da informação aumentam as condições técnicas de construção, armazenamento e transmissão da informação em uma época na qual a noção de

¹ Trabalho apresentado no NP11 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

espaço/tempoⁱ são redimensionadas devido aos novos aportes técnicos para a elaboração e difusão das informações.

Mergulhar neste universo de possíveis, perante os atuais recursos tecnológicos, consiste em uma atitude prudente. No entanto, tal tarefa não se compõe de uma atividade simples e fácil de ser realizada, movida apenas por um desejo inconsistente. Acreditamos que se faz necessário tatear sobre uma superfície que somente agora começa a ser desvendada e precisa de toda a cautela que a inovação demanda.

Refletir sobre as mudanças da atualidade proporcionadas pela tecnologia da informação é uma ação por demais ampla. Desta maneira, precisamos estabelecer alguns recortes para delimitar nosso escopo. Assim sendo, este trabalho apresenta por objetivo evidenciar que a linguagem audiovisual, que permeia os mais distintos espaços antropológicos na contemporaneidade, pode ser utilizada pela escola, como forma de expressão, produção e veiculação do saber.

Acreditamos, sem dúvida, que se trata de uma proposta inovadora e, portanto, ousada. Contudo, esperamos que, através deste passo inicial no sentido de mixar arte e educação, emolduradas pelas atuais tecnologias da comunicação, estejamos contribuindo para um novo redimensionamento no *ecossistema comunicativo* das instituições de ensino.

O nosso trabalho não tem a pretensão de trazer um conhecimento pronto, mas sim evidenciar que já dispomos de ferramentas e tecnologias que, em sinergia, poderão construir um novo paradigma na interface entre a dinâmica das sociedades hodiernas e a sala de aula. Entendemos ainda que nossa tarefa de aproximar os conteúdos escolares com às recentes tecnologias da comunicação e da informação consiste em um empreendimento que interessa aos profissionais tanto da educação, quanto da comunicação, formando, assim, um novo processo de hibridização, ou seja, a *educomunicação*ⁱⁱ.

Descortinar o horizonte de incertezas no qual estamos envoltos representa, sem dúvida, um momento de desconforto, pois a inovação exige que nos desloquemos em modelos institucionais que há muito mostravam-se cristalizados. Portanto, assumimos, como pressuposto, que estamos vivendo um período de transição e, por isso, precisamos saber articular o velho ao novo, isto é, urge não perpetuar o que já existe e nos conduziu até



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

o presente momento, bem como não descartar o atual suporte científico e tecnológico que a revolução da tecnologia da informação disponibiliza atualmente ⁱⁱⁱ.

Após evidenciarmos nosso objetivo, defendemos o pressuposto de que torna-se necessário buscarmos as relações entre a escola e o seu contexto, fato este que servirá como viés condutor de todo o nosso percurso. Deste modo, explicitar que adotamos, como axioma, a relação dialógica entre modelo de ciência e modelo educacional. Desta forma, acreditamos que, para melhor compreendermos a escola que herdamos da modernidade, é preciso reconhecer que esta emerge do paradigma da ciência moderna, constituído a partir da revolução científica dos séculos XVI e XVII.

A enorme preocupação de predizer, controlar e quantificar, balizas da ciência moderna, é refletida na escola como princípio básico que norteia seu funcionamento e orienta suas ações. Pensar em alternativas de flexibilização do paradigma de escola, que conhecemos, parece-nos uma condição necessária para gestar a construção de diferentes maneiras de elaboração do saber na escola.

A ênfase no desenvolvimento da razão ^{iv} e, como conseqüência, a marginalização da emoção na sala de aula, conduz a uma visão estereotipada da elaboração do conhecimento escolar, impedindo que os profissionais da educação aproximem o espaço da sala de aula do seu contexto diante da *sociedade mediatizada* ^v.

Ultrapassar os limites impostos pela ciência moderna, como a centralidade na quantificação e a excessiva visão unilateral de desenvolvimento apenas da razão, mostra-se como condição fundamental para a construção de um novo paradigma para a apropriação do saber e, conseqüentemente, para a construção do ato educativo na contemporaneidade ^{vi}.

Estamos acostumados com uma escola compartimentada, segmentada em *feudos*, as disciplinas escolares, que apresentam dificuldade de interação entre si. As tão propaladas interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade não conseguiram unir este conjunto de saberes, que caminham de forma paralela e, desta maneira, fazem imperar, nas instituições de ensino, a análise das partes em detrimento da harmonia do todo, do inteiro e do holístico.

Acreditamos que a manutenção desta realidade nas escolas contribui e, em muito, para uma completa falta de sentido atribuído ao saber pelos alunos. A pulverização do



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

conhecimento, outra herança da ciência moderna, afasta, artificializa e retira qualquer sentido de aplicabilidade dos conteúdos escolares.

Contudo, ao contemplarmos o nosso cenário atual de transição da modernidade para a pós-modernidade, encontramos um contexto integrado, interconectado e em rede. Vivenciar um tempo de múltiplos contatos e interfaces, uma cultura do instantâneo, das imagens e ainda um momento em que podemos virtualizar o corpo, a linguagem e as informações, nos conduz a uma reflexão sobre a existência de um contraste muito grande com à cultura da escola, racional apenas, presencial e resistente as mudanças no ato educativo.

Buscar o equilíbrio da sala de aula e de seu processo comunicativo com a *sociedade da informação*, é o ideal a que nos mantemos fiel e, para tanto, precisamos enveredar por um caminho de novas possibilidades, vislumbradas a partir das novas tecnologias da comunicação e da informação.

No entanto, não podemos fechar nossos olhos para a necessidade de estarmos conscientes de que o uso da tecnologia da informação, por onde passou, seja nos setores industriais ou de serviços, gerou uma redefinição de postos de trabalho e liberação da mão de obra.

Em momento algum advogamos que as novas tecnologias da informação deverão substituir os professores, uma vez que isto não aconteceu com médicos, engenheiros, arquitetos, enfim com os profissionais que utilizam esta mais recente tecnologia. Defendemos, ao contrário, que estes novos suportes de produção e transmissão de conhecimento possibilitarão maneiras diferentes de estes profissionais realizarem seus ofícios, agora com mais precisão, clareza e confiabilidade. Desta forma, os professores irão adquirir o perfil exigido pela sociedade atual na qual se faz necessário aprender a aprender, isto é, a aprendizagem torna-se uma competência a ser desenvolvida ao longo da vida.

Precisamos estar atentos para o que as novas tecnologias nos proporcionam e ainda para o que elas nos conclamam, ou seja, às mudanças nas instituições de ensino com o objetivo de superar a fragmentação curricular que tanto limita as relações estabelecidas, dentro e fora do espaço escolar pelas novas gerações norteadas por um modelo educacional,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

que não atende às suas expectativas e as afasta do universo holístico, relacional e em constante dinâmica, no qual estamos inseridos.

Também precisamos estar atentos para não cairmos nas armadilhas, às quais a dificuldade de superação de paradigmas nos conduz, isto é, tentar acoplar as inovações tecnológicas às estruturas envelhecidas das escolas. É muito comum utilizarmos computadores associados ao *data-show* na sala de aula e acreditarmos, por este motivo, estar em sintonia com o novo. Triste ilusão, pois, assim procedendo, estamos apenas adicionado uma fachada *high tech* sobre uma estrutura escolar que precisa ser revista.

Diante da crise paradigmática, na qual nos encontramos, identificamos a necessidade de ajustamento da escola e, em especial, da sala de aula ao seu contexto e, para tanto, torna-se imprescindível repensar o modelo de construção do ato educativo, já que o cenário é outro, assim como os sujeitos da aprendizagem são distintos.

Acreditamos que não é preciso desenvolver uma grande análise sobre as novas gerações, que convivem cotidianamente em um universo, no qual a linguagem audiovisual e a codificação digital exercem um grande fascínio na maneira através da qual produzem e transmitem informações. A ludicidade, que permeia o conteúdo das mensagens mediadas pela tela da televisão e/ou do computador, promove um envolvimento dos assim chamados sujeitos pós-modernos, que permitem associar o prazer ao conhecer.

Estes novos sujeitos da atualidade que, em interação com a tela, aprendem, choram, sorriem e acessam distintos horizontes, na mais recente *geoeletrônica*^{vii}, assumem uma nova condição mutante que as gerações anteriores, as da cultura do impresso, têm dificuldade de entender caracterizada pela fluidez e transcendência destes novos sujeitos *pós-humano*^{viii}, com os quais dividimos nossas vidas em nossas casas e/ou em nossas escolas.

Quando pensamos no modelo de escola e, em especial, de ação comunicativa docente, que tradicionalmente conhecemos e comparamos com esta *subjetividade pós-moderna*, podemos claramente perceber que existe uma lacuna na maneira de perceber e de processar a informação^{ix}.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Acreditamos que estamos presenciando o esgotamento de um modelo de escola que trabalha exclusivamente com as linguagens oral e escrita ^x. Este paradigma, que sistematiza o conhecimento, encontra uma grande dificuldade para dialogar com as novas gerações da cultura digital e audiovisual. No entanto, não podemos simplesmente descartar, em definitivo, a cultura do livro de nossas escolas. É preciso sim interagir, mixar, ou seja, estabelecer uma nova sinergia entre a linguagem audiovisual, a codificação digital e a cultura do impresso.

As questões que se colocam são diversas, tais como: é possível apenas introduzir a linguagem audiovisual e a tecnologia digital no espaço da sala de aula e ainda manter, como única possibilidade de transmissão do conhecimento, o paradigma da aula frontal ? A solução para a educação está apenas no uso dos recursos tecnológicos ? Ou ainda, como interagir a cultura do livro com a cultura do audiovisual na sala de aula ?

Acreditamos que os caminhos para a solução de tais questões são múltiplos e ainda estão em aberto. Contudo, entendemos que precisamos buscar na visão holística e, por conseguinte, na inteireza do homem, um norte para construir um novo sentido para o ato educativo na contemporaneidade.

Alguns indícios de que se faz necessário repensar a cultura escolar na atualidade são percebidos quando identificamos que existe uma nova *subjetividade pós-moderna*. No entanto, parece-nos agora imprescindível compreender que, diante da complexidade da cultura atual, a imagem, o som e o texto, mixados, fornecem uma maior aproximação com as novas gerações e, conseqüentemente, proporcionam uma melhor assimilação dos conteúdos veiculados pela mídia eletrônica. Inferimos que a articulação, isto é, a integração dos conteúdos escolares com a linguagem audiovisual, potencializada pela tecnologia digital, promoverá um novo sabor ao saber e desta maneira irá fornecer um sentido de ludicidade, afetividade e emoção _ fatores integradores das novas gerações _ aos sujeitos da aprendizagem ^{xi}.

O passo seguinte na construção de um novo sentido para ação docente consiste em identificar como será possível a integração de elementos, até o presente momento muito distantes, ou seja, os conteúdos escolares e a linguagem midiática eletrônica. Acreditamos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

que, para tanto, se faz necessário buscar a interseção dos campos da comunicação e da educação.

Um dos problemas apresentados para a construção desta síntese está no fato de que ainda possuímos uma herança cultural da ciência moderna, que em muito fragmenta a nossa visão de mundo. Apresentamos dificuldade em elaborar uma aproximação e interação entre em áreas aparentemente distintas.

Buscar este novo paradigma comunicacional, no qual a informação seja constituída de razão e emoção, com certeza é o nosso maior obstáculo a ser superado na cultura escolar. Da mesma maneira, na cultura dos profissionais da comunicação ainda não consta a possibilidade de construções textuais audiovisuais, em que os conhecimentos científicos possam ser veiculados de forma lúdica, prazerosa e atraente. Enfim, é preciso romper com o mito de que aprender requer afastar-se do prazer.

Não temos a menor dúvida de que para alcançar este novo sentido para a construção do conhecimento escolar não poderemos descartar o livro, isto é, o texto escrito, mas sim consorciá-lo à linguagem audiovisual. Precisamos cultivar a semente da inclusividade, da integração e da mesclagem. É oportuno ultrapassar os limites da razão para, em comunhão com a emoção, alcançar os elementos para a construção da pedagogia da mediação.

Precisamos superar a visão de apenas trabalhar com os meios de comunicação, enquanto recursos didáticos, e buscar uma visão alternativa, isto é, desenvolver o paradigma da mediação, ou seja, elaborar a construção de textos multimídia para a veiculação dos conteúdos escolares.

Assim entendemos que é preciso redimensionar o modelo de comunicação ^{xii}, que até então tem sido encarada como uma produção distante, de além-escola, a que estamos acostumados, e aprender a inserir, na cultura da escola, a produção audiovisual, como elemento integrante dos conteúdos escolares.

Procurar uma nova maneira para registrar os conhecimentos, isto é, virtualizar os conteúdos escolares, através da inserção da linguagem audiovisual incorporada, misturada e envolvida com os mais diversos saberes disciplinares, constitui uma nova perspectiva paradigmática para a ação educativa. Desta maneira, acreditamos que a aprendizagem

desenvolverá então um salto qualitativo para harmonizar a ação docente com a *sociedade da informação*.

No entanto, temos a certeza de que a introdução de modificações de tal porte na transmissão dos conteúdos escolares não ocorrerá sem resistências. Sabemos que a cultura ocidental, de uma maneira geral, apresenta um processo longo de repulsa as imagens^{xiii}.

Precisamos desenvolver um longo percurso para não sermos detidos pelo *quarto iconoclasmo*^{xiv}. Se faz urgente compreender que estamos envoltos em uma cultura, na qual a imagem audiovisual perpassa os mais distintos processos e segmentos sociais. Parece-nos, portanto, inegável o poder de comunicação da linguagem audiovisual. Acreditamos que os profissionais da educação não podem ignorar a hegemonia do processo comunicacional audiovisual na atualidade.

Portanto, insistimos em afirmar a necessidade de rever conceitos, ampliar o raio de ação, inserir novos elementos na cultura da escola e ainda promover uma mediação pedagógica, na qual a emoção, a afetividade, a ludicidade possam interagir com os saberes escolares, com certeza possibilitarão uma integração dos processos educacionais ao contexto hodierno.

Romper as amarras da *literolatria*^{xv}, não constitui um processo de retorno imediato. Será preciso criar condições materiais, tecnológicas e didáticas para se repensar a interface professor/aluno. Redesenhar a escola, a sala de aula e a formação docente são passos fundamentais para a construção de novos referenciais para a mediação do saber escolar.

Contudo, sabemos que esta é uma tarefa árdua, pois promove deslocamentos e ainda exige uma reconfiguração da prática educativa. Portanto, precisamos desenvolver uma visão crítica da escola^{xvi}, que herdamos da modernidade, que servirá como passo inicial para sintonizá-la neste momento de crise paradigmática.

Parece-nos, da mesma forma também, evidente que necessitamos de voltar nossas atenções para a linguagem audiovisual, uma vez que acreditamos que esta servirá como mediação para o processo de aprendizagem que se completará através dos textos escritos, isto é, entendemos que a aprendizagem deverá ser composta de um mosaico de linguagens, formando assim uma cultura *multimodal*^{xvii}.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para tanto, faz-se urgente desenvolvermos uma aproximação com a sintaxe da linguagem audiovisual ^{xviii}, e conhecermos sua estrutura e morfologia. Assim sendo, poderemos promover uma interação desta com saberes escolares. Acreditamos estar diante de um processo complexo, inovador e ousado. Contudo, torna-se imprescindível vivenciá-lo, experimentá-lo para estabelecermos um *link* com a sociedade em rede, ou seja, interconectada.

Entendemos que não mais é possível manter a fragmentação típica dos disciplinas escolares ^{xix}, mas sim buscarmos outras maneiras de integrar, agrupar e fundir os conteúdos escolares. Para tanto, ousamos afirmar que a transdisciplinaridade deverá ser alcançada através da linguagem audiovisual, que ao perpassar por todo o conhecimento, servirá como meio e mensagem integrador dos saberes.

Desta maneira, entendemos que não mais podemos desenvolver o trabalho pedagógico criando disciplinas para aproximar a escola da dinâmica social, e sim integrar os conteúdos em uma linguagem, na qual se estabeleçam os elos entre os saberes.

Encontramos, assim, na linguagem audiovisual, o amálgama que une, interage e associa a razão com a emoção e, portanto, pode funcionar como elemento estruturante dos saberes escolares. Exemplificando nossa posição, a arte deve ser vista como elemento que une e fornece a visão de totalidade ao conhecimento e não apenas como mais uma disciplina na escola, a ser ministrada nas aulas de educação artística, que integra o currículo escolar atual.

Portanto, este pretendido sentido de arte, enquanto elemento capaz de codificar em linguagem audiovisual os conhecimentos impressos, possibilitará à aprendizagem não só a capacidade de virtualização do conhecimento, mas também funcionará como uma teia, isto é, uma estrutura que liga e cria uma diferente conexão entre os saberes escolares.

Assim sendo, os profissionais da educação, em comunhão com os profissionais da comunicação, irão estabelecer novos postos de trabalho, modificando e interagindo campos de conhecimentos e áreas de trabalho, apenas culturalmente e temporariamente fragmentadas.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Finalmente, acreditamos que, através da linguagem audiovisual, como meio circulante dos conteúdos escolares, poderemos restabelecer o diálogo entre docentes e discentes. Desta forma, redirecionaremos o sentido da aprendizagem, apresentando como foco o *sujeito pós-moderno*, esse híbrido de homem/máquina, que adquire potencialidades típicas de um tempo, em que as limitações espaciais não mais representam uma barreira para interagir, atuar e participar de contextos distintos e simultâneos.

ⁱ Segundo VIRILIO, Paul. (1999: 22 e 23): “Atualmente, a abolição das distâncias de tempo operada pelos diversos meios de comunicação e telecomunicação resultou em uma confusão cujos efeitos (diretos e indiretos) são sofridos pela imagem da cidade, efeitos de torção e distorção iconológicas cujas referências mais fundamentais desaparecem uma após as outras”.

ⁱⁱ Cf. SOARES, Ismar de Oliveira. (2000: 12 a 24).

ⁱⁱⁱ Para KELLNER, Douglas (2001:19): “(...) estamos agora vivendo uma era de transição entre o moderno e o pós-moderno, que exige de nós atenção tanto às estratégias e teorias modernas quanto às pós-modernas, resistindo, assim, à asserção em favor de uma ruptura pós-moderna em história e da necessidade de uma teoria e de estudos culturais pós-modernos inteiramente novos”.

^{iv} Encontramos em CAPRA, Fritjof (1999:37), uma explicação para a centralidade da razão em nossa cultura. “A ênfase dada ao pensamento racional em nossa cultura está sintetizada no célebre enunciado de Descartes, ‘*Cogito, ergo sum*’ _ ‘Penso, logo existo’ _, o que encorajou eficazmente os indivíduos ocidentais a equipararem sua identidade com sua mente racional e não com seu organismo total”.

^v Cf. BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Regina (2001:30).

^{vi} Para ALMEIDA, Ana Rita Silva. (1999:12): “Devemos estudar a emoção como um aspecto tão importante quanto a própria inteligência e que, como ela, está presente no ser humano. A emoção deve ser entendida como uma ponte que liga a vida orgânica à psíquica. É o elo necessário para a compreensão da pessoa como um ente completo”.

^{vii} A nova geografia dos espaços virtuais.

^{viii} Segundo GREEN, Bill & BIGUN, Chris. (1995:214): “(...) um novo tipo de subjetividade humana está se formando; que, a partir do nexa entre a cultura juvenil e o complexo crescentemente global da mídia, está emergindo uma formação de identidade inteiramente nova. Descrevemos esse fenômeno por enquanto, e com toda dúvida devida, utilizando o termo ‘subjetividade pós-moderna’. Compreendendo por isso uma efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e tornar-se humano”.

^{ix} Cf. MORAN, José Manoel (2000: 19).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

^x Para CITELLI, Adilson (2000:102): “ (...) os ritos das aulas vão se assemelhando aos movimentos em falso das bailarinas sem ritmo. O andamento parafrásico pretende escamotear seu espírito de eterno retorno laborando na ilusão de que formas novas são suficientes para esconder velhos conteúdos. A sucessão enciclopédica dos dados perde sentido diante das possibilidades abertas pela informática, pelas novas tecnologias, pelos veículos de comunicação”.

^{xi} Segundo NEGROPONTE, Nicholas (1995:190): “Brincando-se com a informação _ sobretudo em se tratando de coisas abstratas _ , o conteúdo adquire maior significado”.

^{xii} Para MARTÍN-BARBERO, Jesús. (2001:28): “Assim a comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais que de meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos mas de reconhecimento.

^{xiii} Encontramos em MACHADO, Arlindo (2001:10, 11, 13 e 15), a seguinte afirmação: “ O antigo interdito da imagem _ nas culturas judaico-cristã e islâmica e na tradição filosófica grega _ constituiu o primeiro ciclo do iconoclasmo. O segundo ocorreu durante o império Bizantino. (...)

Uma terceira investida contra as imagens ocorreria no século XVI, (...) com a Reforma Protestante, causando novamente a destruição dos ícones e a perseguição dos seus adeptos. (...)

Todos esses três ciclos iconoclastas se ancoram numa crença inabalável no poder, na superioridade e na transcendência da *palavra*, sobretudo da palavra escrita, e nesse não é inteiramente descabido caracterizar o iconoclasmo como uma espécie de ‘literolatria’: o culto do livro e da letra. (...)

Não é por acaso a história das imagens esteve quase sempre associada (...) às atividades marginais ou clandestinas (muitas vezes proibida), ao contexto *underground*, à prática do ilusionismo e da bruxaria, ao divertimento popular pré-cinematográfico, como a projeção de sombras chinesas, a lanterna mágica e panorama, todos dispositivos ilusionistas que exigiam a sala escura e, por conseqüência, reinvoavam a caverna de Platão. (...)

Não deixa de ser sintomático que a repulsa às imagens retorne com furor e intolerância em nosso tempo. Denominarei essa nova investida contra as imagens de o *quarto iconoclasmo*”.

^{xiv} Cf. MACHADO, Arlindo (op. cit.:15).

^{xv} Cf. MACHADO, Arlindo (op. cit.:11).

^{xvi} Podemos encontrar em MARTÍN-BARBERO, Jesús (1999:41 e 42), a seguinte referência sobre a escola: “En lo que concierne a la escuela, ésta encarna y prolonga, como ninguna otra institución, el *regimen de saber* que instituyó la comunicación del texto impreso. (...)

De ahí la antigua y pertinaz desconfianza de la escuela hacia la *imagen*, hacia su incontrolable polisemia que la convierte en lo contrario del *escrito*, ese texto controlado desde dentro por la sintaxis y desde fuera por la identificación de la *claridad* com la univocidad. Sin embargo, la escuela buscará controlar la *imagen* a toda costa, ya sea subordinándola al oficio de mera *ilustración* del texto escrito, ya acompañándola de un *letrado que le indique al alumno* lo que dice la *imagen*”.

^{xvii} Segundo LÉVY, Pierre (1999:63): “Portanto, seria muito mais correto, do ponto de vista lingüístico, falar de informações ou de mensagens multimodais, pois colocam em jogo diversas modalidades sensoriais (a visão, a audição, o tato, as sensações proprioceptivas)”.

^{xviii} Para DONDIS, A Donis (1997:26): “Não existe nenhuma maneira fácil de desenvolver o alfabetismo visual, mas este é tão vital para os ensinamentos dos modernos meios de comunicação quanto a escrita e a leitura foram para o texto impreso. Na verdade, ele pode tornar-se o componente crucial de todos os canais de comunicação do presente e do futuro. Enquanto a informação foi basicamente armazenada e distribuída



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

através da linguagem, e o artista foi visto pela sociedade como um ser solitário em sua capacidade exclusiva de comunicar-se visualmente, o alfabetismo verbal universal foi considerado essencial, mas a inteligência visual foi amplamente ignorada. A invenção da câmera provocou o surgimento espetacular de uma nova maneira de ver a comunicação e, por extensão a educação. A câmera, o cinema, a televisão, o videocassete e o videoteipe, além dos meios visuais que ainda não estão em uso, modificarão não apenas nossa definição de educação, mas da própria inteligência”.

^{xix} Segundo MORIN, Edgar (2001:25): “(...) o problema não é bem abrir as fronteiras entre as disciplinas, mas transformar o que gera essas fronteiras: os princípios organizadores do conhecimento”.

BIBLIOGRAFIA:



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender. A geração do audiovisual e do computador*. São Paulo, SP: Paulinas, 1989.
- BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação*. São Paulo: Hacker, 2001.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e cultura emergente*. - 20ª ed. - São Paulo: Cultrix, 1999.
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação. A linguagem em movimento*. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERRÉS, Joan. *Vídeo e educação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. - 17ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GREEN, Bill; BIGUN, Chris. *Alienígenas na sala de aula*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios Ed. 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

_____ ; REY, Germán. *Los ejercicios del ver. Hegemonia audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e medição pedagógicas*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma para reformar o pensamento*. - 5ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: uma campo de mediações*. In: Revista Comunicação e Educação, n.19, p.12-24, set./dez. São Paulo, SP: Editora Segmento, 2000.

_____ *Sociedade da informação ou da comunicação?*. São Paulo: Cidade Nova, 1996.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. - 2ª ed. - Rio de Janeiro; Ed. 34, 1999.